

Panorama Político

Tereza Cruvinel

■ DE BRASÍLIA



Sarney joga duro

A conversa que o presidente Fernando Henrique teve no domingo com o presidente do Senado, José Sarney, talvez tenha acontecido com algum atraso. O líder Elcio Alvares e outros aliados do Governo no Senado há algum tempo estavam preocupados com o crescente antagonismo entre Sarney e o Planalto, que agora parece ter chegado a um ponto crítico. Ontem, o ex-presidente repetiu, em tom mais franco e duro, as críticas que acabaram resultando no convite para ir ao Alvorada domingo. Três declarações suas mostram que Fernando Henrique tem mais um problema político para administrar:

— Eu considero o Fundo Social de Emergência institucional. E já disse isso ao presidente Fernando Henrique quando ele era ministro da Fazenda. É uma posição doutrinária. Não posso modificá-la.

— Sou contra a privatização da Vale do Rio Doce porque ela é mais que uma estatal. É uma agência de desenvolvimento econômico e social. O projeto do senador Eduardo Dutra é bom, mas acho que devíamos aprovar logo a emenda do líder Jader Barbalho. (Ela torna a Vale imprivatizável).

— A situação financeira dos estados é preocupante. Se os estados não vão bem, a Federação vai mal. O presidente mostrou-se disposto a buscar uma solução. Há algum tempo estamos aguardando uma palavra do ministro Pedro Malan.

Sarney não é apenas presidente do Senado. É um importante pólo de influência no

Congresso. Seu desencanto com o Governo precede o do PFL, mas reaproximou-o de um velho aliado, o senador Antônio Carlos. Curiosamente, o excesso de atenção conferida por Fernando Henrique ao presidente da Câmara, Luís Eduardo, filho de ACM, foi uma das coisas que melindraram Sarney. Os amigos dão um exemplo. FH poderia ter indicado o ex-presidente para representá-lo na festa dos 50 anos da vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, em Paris. Preferiu Luís Eduardo. Nesses oito meses, em tudo Sarney foi ouvido, menos no que esperava, dizem seus amigos. Problemas econômicos do Maranhão, governado por sua filha Roseana, também teriam contribuído para azedar as coisas. Ele não tem poupado a proposta de reforma tributária do Governo.

As desavenças com o PFL são preocupantes, mas o problema com Sarney é de administração mais complicada. Talvez porque o Planalto tenha demorado a percebê-lo, o ex-presidente acabou oficializando algumas de suas divergências. Agora, não pode mais recuar. Não pode mais, por exemplo, apoiar a prorrogação do FSE, nem mesmo por apenas um ano, esclareceu ontem. Já não pode concordar com a privatização da Vale nem apoiar a reforma tributária, na forma como foi apresentada. E como os senadores também andam com ares de muita independência, tudo indica que a nova fase das reformas vai exigir muita, mas muita negociação mesmo.